



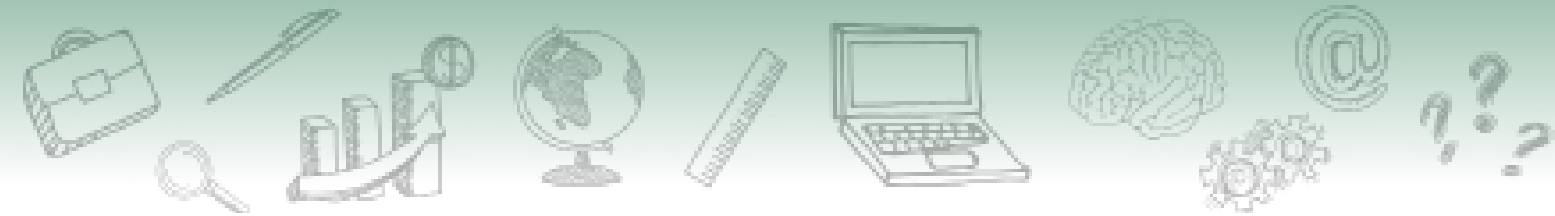
Enap

Introdução à Audiodescrição

Módulo

1

Introdução à Audiodescrição



Fundação Escola Nacional de Administração Pública

Presidente

Diogo Godinho Ramos Costa

Diretor de Desenvolvimento Profissional

Paulo Marques

Coordenador-Geral de Produção de Web

Carlos Eduardo dos Santos

Conteudista/s

Luana Rodrigues da Silva Sá, (Conteudista, 2019).

Lídia Hubert, (Coordenadora, 2019).

Jader de Sousa Nunes (Coordenador, 2020)

Equipe Multimídia

Haruo Silva Takeda (Coordenação Web, 2020)

Ludmila Bravim da Silva (Revisão de texto, 2020)

Thiego Carlos da Silva (Implementação Articulate, 2020)

Karen Evelyn Scaff (Direção e produção gráfica, 2020)

Patrick Oliveira Santos Coelho (Implementação Moodle, 2020)

Marcos da Silva Vieira (Avaliação de acessibilidade, 2020)

João Paulo Albuquerque Cavalcante (Diagramação, 2020)

Curso produzido em Brasília 2020.

Desenvolvimento do curso realizado no âmbito do acordo de Cooperação Técnica FUB / CDT / Laboratório Latitude e Enap.



Enap, 2020

Enap Escola Nacional de Administração Pública

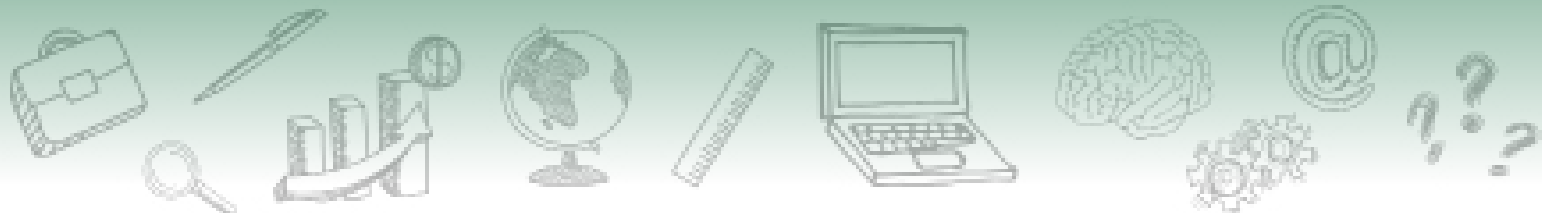
Diretoria de Educação Continuada

SAIS - Área 2-A - 70610-900 — Brasília, DF



Sumário

1. Conceito de Audiodescrição.....	5
1.1. O que quer dizer audiodescrição?.....	5
1.2. Será que esse recurso atende apenas os deficientes visuais?.....	8
1.3. Como a audiodescrição é utilizada no dia a dia?.....	8
2. Audiodescritores e o trabalho de audiodescrever.....	10
2.1. O papel do audiodescritor.....	10
2.2. O trabalho de audiodescrever.....	11
3. Histórico e legislação da audiodescrição.....	16
3.2. Legislação Brasileira.....	19
3.2.1. Normas técnicas.....	20
4. Audiodescrição e Navegação Acessível.....	21
4.1. Como a AD chega às pessoas com deficiência.....	21
4.2. E como funciona a navegação em sites acessíveis ou a leitura de material disponibilizado com acessibilidade?.....	22
4.2.1 Barreiras reais e virtuais.....	24
4.2.2 Como funciona a navegação por leitores de tela?.....	26
Referências	27





Módulo

1

Introdução à Audiodescrição

1. Conceito de Audiodescrição

1.1. O que quer dizer audiodescrição?

De acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, 45,6 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência no Brasil, seja ela auditiva, intelectual, visual, física ou múltipla. Esse número equivale a 23,9% da população e deve aumentar no próximo levantamento do Censo, previsto para 2020.

No Brasil, existem em torno de 6,5 milhões de pessoas com alguma deficiência visual, de acordo com Censo realizado pelo IBGE em 2010, porém, essa população tem pouco acesso a conteúdo televisivos acessíveis ou ainda não sabe onde e como procurá-los.

Nesse contexto, é importante recordar o avanço que o Brasil teve ao ratificar a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre as Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, em 2008. Esse documento obteve equivalência de emenda constitucional, valorizando, assim, o esforço da sociedade civil e do governo pela inclusão.

DESTAQUE

A Convenção da ONU trata a acessibilidade como uma ferramenta para que as pessoas com deficiência atinjam sua autonomia em todos os aspectos da vida, o que demonstra uma visão atualizada das especificidades dessas pessoas, que buscam participar dos meios mais usuais que a sociedade em geral utiliza nos dias de hoje, não se reduzindo apenas à acessibilidade ao meio físico.

Para trazer maior compreensão sobre a acessibilidade, é importante verificar o [artigo 2º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada](#), o qual dialoga diretamente com a produção audiovisual acessível, apresentando o que é abarcado pelo conceito de comunicação:



“

Comunicação abrange as línguas, a visualização de textos, o Braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis.

”

Uma das alternativas comunicacionais acessíveis é a audiodescrição (AD). O recurso da audiodescrição vem para facilitar o acesso de conteúdos audiovisuais (filmes, teatro, palestras e eventos) ou imagens estáticas (fotografias, gráficos, planilhas, museu, obras de arte) para pessoas com deficiência visual.

As definições de audiodescrição são inúmeras. Abaixo, são apresentados alguns conceitos de AD segundo pesquisadores e audiodescritores brasileiros. Perceba que, apesar de as visões apresentarem uma base comum, trazem elementos suplementares.

TOME NOTA

Para Vera Lucia Santiago, professora da UECE:

A AD é uma modalidade de tradução audiovisual definida como a técnica utilizada para tornar o teatro, o cinema e a TV acessíveis para pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma narração adicional que descreve a ação, a linguagem corporal, as expressões faciais, os cenários e os figurinos. A tradução é colocada entre os diálogos e não interfere nos efeitos musicais e sonoros.

Para Livia Motta, audiodescritora:

Audiodescrição é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos.

Para Soraya Ferreira Alves, audiodescritora:

A audiodescrição é uma ferramenta utilizada para garantir maior acessibilidade à informação visual a indivíduos com deficiência visual e consiste na tradução de imagens em palavras. Essa operação, porém, é bastante complexa, pois não



basta apenas descrever o que se vê, mas o que é relevante para a organização semiótica da obra.

Para Eliana Franco, fundadora do grupo de pesquisa TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) da audiodescriitora UFBA:

A audiodescrição é um recurso de tecnologia assistiva que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual junto ao público de produtos audiovisuais. O recurso consiste na tradução de imagens em palavras. É, portanto, também definido como um modo de tradução audiovisual intersemiótico, onde o signo visual é transposto para o signo verbal. Essa transposição caracteriza-se pela descrição objetiva de imagens que, paralelamente e em conjunto com as falas originais, permite a compreensão integral da narrativa audiovisual. Como o próprio nome diz, um conteúdo audiovisual é formado pelo som e pela imagem, que se completam. A audiodescrição vem então preencher uma lacuna para o público deficiente visual.

Para a audiodescriitora Graciela Pozzobon e para a produtora e curadora Lara Pozzobon, a audiodescrição consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações que compreendemos visualmente e que não estão contidas nos diálogos, como:

- Expressões faciais e corporais que comuniquem algo.
- Informações sobre o ambiente.
- Figurinos.
- Efeitos especiais.
- Mudanças de tempo e espaço.
- Leitura de créditos, títulos e qualquer informação escrita na tela.

A audiodescrição permite o recebimento da informação contida na imagem ao mesmo tempo em que ela aparece, permitindo que a pessoa aproveite toda a obra, seguindo a trama e captando a subjetividade da narrativa da mesma forma que uma pessoa sem alguma deficiência visual.

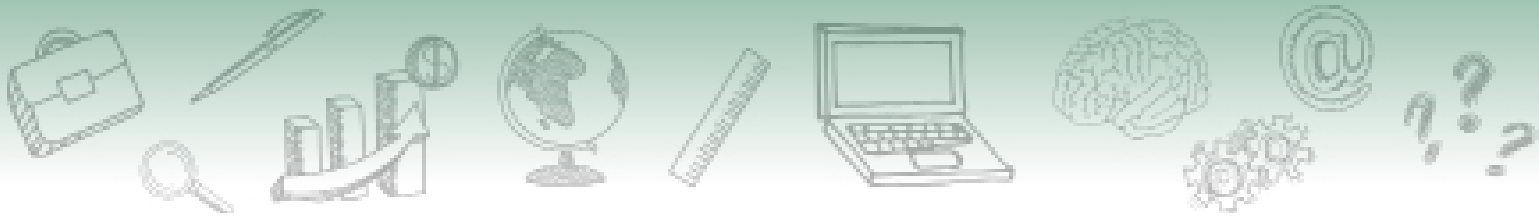
As descrições acontecem nos espaços entre os diálogos e nas pausas entre as informações sonoras do filme ou espetáculo, nunca se sobrepondo ao conteúdo sonoro relevante, de forma que a informação audiodescrita se harmoniza com os sons do filme.

“

Dizem que uma imagem vale mais do que 1000 palavras, pois bem, a audiodescrição é muito mais que as tais 1000 palavras.

Marco Antonio de Queiroz, cego, autor do site [Bengalalegal](http://Bengalalegal.com).

”



De modo geral, podemos identificar, nos vários conceitos de audiodescrição, a concordância sobre os seguintes aspectos:

- A audiodescrição permite que o usuário receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que esta aparece.
- A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica, ou seja, ela traduz signos não-verbais (fundamentalmente imagens) em signos verbais para as pessoas com deficiência visual.
- As descrições acontecem nos espaços entre os diálogos e nas pausas entre as informações sonoras do filme ou espetáculo (nunca se sobrepondo ao conteúdo sonoro relevante), de forma que a informação audiodescrita se harmoniza com os sons do filme.
- As descrições devem ser claras e objetivas.
- As descrições não devem conter inferências e interpretações que acrescentem informações ao produto audiovisual.

1.2. Será que esse recurso atende apenas os deficientes visuais?

O audiodescritor é o responsável por orientar todas as pessoas envolvidas em um trabalho com audiodescrição, explicando tudo o que será necessário para a realização da audiodescrição e como as pessoas com deficiência visual deverão ser atendidas.

Além de ser destinada a pessoas com deficiência visual, a audiodescrição também é voltada para os seguintes públicos:

- pessoas com deficiência intelectual;
- idosos;
- disléxicos;
- autistas;
- pessoas com déficit de atenção;
- pessoas sem deficiência, que podem ampliar o senso de observação e o entendimento de espetáculos e produtos audiovisuais.

1.3. Como a audiodescrição é utilizada no dia a dia?

A audiodescrição pode ser utilizada de maneiras diferentes no dia a dia, a depender do contexto, veja:

No teatro, no cinema e na televisão

Serão audiodescritos o cenário, efeitos de luz, os personagens, seus figurinos e as ações físicas.

No museu

Os quadros, as esculturas, vídeos e tudo o mais que fizer parte da exposição ou acervo.



Nos livros

Serão audiodescritas todas as passagens escritas, ilustrações, fotografias e figuras.

Em palestras e eventos

A pessoa responsável pela audiodescrição deverá ficar atenta a tudo, cabendo a ela situar o deficiente visual no espaço, ao descrever a posição e os objetos do lugar, por exemplo. Quem faz a audiodescrição deverá também especificar cada pessoa que for falar, além do material visual que for apresentado, tais como filmes, PowerPoint, slides e fotos.

Nas aulas

Serão audiodescritos todos os materiais didáticos utilizados pelos professores.

SAIBA MAIS

Você já reparou que está bastante comum se deparar com as hashtags #pracegover contendo a descrição da imagem? Isso faz com que o conteúdo visual se torne acessível. Veja um exemplo:

Região Sul intensifica ações de vigilância e vacinação contra febre amarela

O Ministério da Saúde recomendou aos estados e municípios da região a realização de ações para proteger a população, antes do período sazonal da doença, que ocorre **entre dezembro e maio**.

Ministério da Saúde

Ministério da Saúde
Página curtida · 16 de agosto

Os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, com apoio do Ministério da Saúde, iniciam ações contra a febre amarela na Região Sul. A medida é preventiva e busca vacinar a população a partir dos 9 meses de idade. O objetivo é que os municípios façam busca ativa de pessoas não vacinadas antes do período de maior frequência da doença, que ocorre de dezembro a maio. Saiba mais no Portal Saúde. Acesse: <http://bit.ly/2YR9Prw> #FebreAmarela #VacinaBrasil #Prevenção #SUS

#PraCegoVer: o card possui um fundo azul com a imagem de um mapa da região sul do Brasil. O título diz: "Região Sul intensifica ações de vigilância e vacinação contra febre amarela". Logo abaixo, há mais texto que informa: "O Ministério da Saúde recomendou aos estados e municípios da região a realização de ações para proteger a população, antes do período sazonal da doença, que ocorre entre dezembro e maio". Na parte inferior há uma assinatura do Ministério da Saúde.

177 5 comentários

Escreva um comentário...

As definições e conceitos de AD também podem variar de acordo com a área ou com o público para quem ela se destina. Veja:

No campo das Letras

Audiodescrição é uma modalidade de tradução semiótica que consiste em transformar o visual em verbal.

No campo da Comunicação

A audiodescrição tem a finalidade de transformar uma mensagem transmitida pelo emissor de forma visual, de modo que faça o mesmo sentido para o receptor que a recebe de forma audível.

Na Cultura

Audiodescrição é a arte de descrever imagens por meio das palavras.

Para as pessoas com deficiência

Audiodescrição é uma tecnologia assistiva, um recurso de acessibilidade que permite ouvir o que não pode ser visto, compreender o que não pode ser compreendido sem o uso da visão.

2. Audiodescritores e o trabalho de audiodescrever

2.1. O papel do audiodescritor

A Audiodescrição (AD) é uma tecnologia assistiva¹ pensada, inicialmente, para pessoas com deficiência visual, mas já está sendo utilizada também para outros públicos, como as pessoas com Síndrome de Down e as pessoas disléxicas. Será que a audiodescrição pode ser feita por qualquer pessoa ou existe um profissional especializado?



A pessoa que quiser ser audiodescritora deverá ter um bom vocabulário, uma voz nítida, com pronúncia pausada e em bom volume, e empatia com as pessoas com deficiência visual. Essa empatia aproximará o audiodescritor das pessoas e do seu trabalho, fazendo com que consiga planejar de que forma o que está sendo audiodescrito será entendido. Para isso, o audiodescritor deverá ser objetivo e ter uma boa capacidade de síntese.

Fonte: [Blog Ver Com Palavras](#)

O audiodescritor pode exercer diferentes papéis no processo de audiodescrição. Veja:

Roteirista

Como roteirista, o audiodescritor prepara todo o material da audiodescrição, ou seja, é ele quem decide o que deverá ser dito e de que forma será dito.

Narrador

Como narrador, o audiodescritor irá narrar o que o roteirista descreveu.

¹ Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (CAT, SEDH, 2007 apud BRASIL, 2009, p. 30)



Consultor

Como consultor, é importante que o audiodescritor seja, se possível, uma pessoa com deficiência visual e/ou que conheça bem a técnica para ajustar o roteiro da audiodescrição.

Em eventos, também faz parte do trabalho da audiodescrição o técnico de áudio, profissional responsável por garantir um bom áudio, livre de ruídos e bem equalizado, para que a pessoa com deficiência visual possa compreender sem dificuldades o conteúdo audiodescrito.

Perceba que o audiodescritor é responsável por orientar a todas as pessoas envolvidas em um trabalho com audiodescrição, explicando tudo o que será necessário para a realização da técnica e como deverão ser atendidas as pessoas com deficiência visual e as outras pessoas que utilizam a audiodescrição, como as pessoas com deficiência intelectual, por exemplo.

O papel do audiodescritor é fundamental para a inclusão e para permitir a acessibilidade, porém a profissão de audiodescritor ainda não é regulamentada. O [Projeto de Lei nº 5.156/13](#), que dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão do audiodescritor, está tramitando na Câmara dos Deputados desde 2013. Essa regulamentação poderá incentivar a profissionalização desses especialistas, melhorando a qualidade na oferta de audiodescrição e, conseqüentemente, proporcionando mais qualidade de vida às pessoas com deficiência.

2.2. O trabalho de audiodescrever

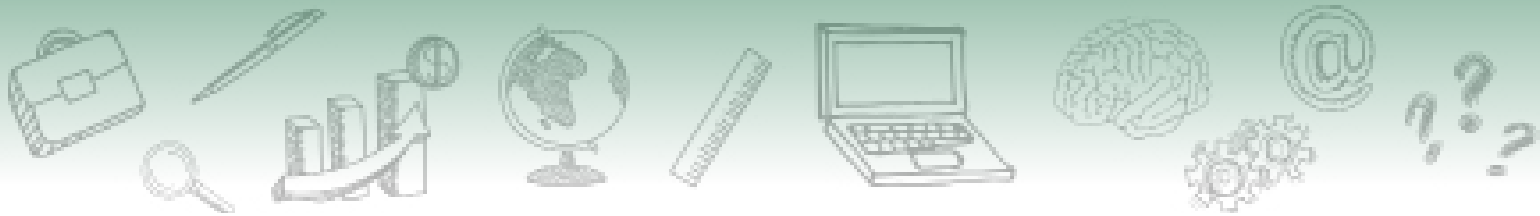
Antes de conhecer as características de um roteiro com as descrições e como ele é feito, convidamos você a fazer um exercício, topa? A proposta é assistir a um dos vídeos abaixo com os olhos fechados para poder sentir a experiência antes de entender o trabalho da audiodescrição. Os vídeos são:

- Projeto Para Todos, publicado no canal Vercompalavras na plataforma YouTube, disponível no endereço: <https://youtu.be/8QuI4LRn3vI>; ou
- A caixa, publicado no canal Turma da Mônica na plataforma YouTube, disponível no endereço: <https://youtu.be/lGOP7SpZ2W4>.

Gostaram da experiência? Provavelmente, você percebeu que a narração descreve as cenas de uma forma que te permite acompanhar o vídeo e entender o contexto em que a cena se desenvolve. A descrição é isso, é a tradução de imagens em palavras, de forma clara e objetiva.

As informações que não estão no diálogo também devem ser compreendidas. Essas informações são as expressões faciais e corporais, o ambiente, os figurinos, os efeitos especiais, as mudanças de tempo e espaço, a leitura de créditos, os títulos e qualquer informação que apareça escrita na tela.

A audiodescrição permite que a pessoa receba a informação contida na imagem ao mesmo tempo em que essa aparece, possibilitando apreciar a obra integralmente, seguir a trama e captar a subjetividade da narrativa, da mesma forma que alguém sem alguma deficiência visual.



Enquanto uma narração faz uma história progredir, a descrição consiste em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar, etc. A audiodescrição mistura a narração com a descrição.

Agora, vamos conhecer quais informações o roteirista deve inserir no roteiro para serem narradas e por onde ele deve começar:

1. Nomear e identificar – o que, quem, estado emocional
2. Localizar e situar – onde, localização espacial e temporal e dos ambientes
3. Qualificar – como (adjetivos)
4. Descrever a ação – faz o que, como (advérbios)
5. Situar o tempo – quando, período
6. Enquadramento de câmera – de onde
7. Referenciar sons
8. Estruturar o tempo verbal – linguagem simples e objetiva
9. Descrever elementos visuais verbais – crédito, legenda, intertítulo

Descrição de pessoas

É fundamental para o audiodescritor buscar precisão e clareza na descrição das pessoas que compõem uma cena ou das imagens que serão audiodescritas. Atenção para os pontos que devem ser observados e destacados:

Faixa etária

A pessoa aparenta ter entre X e Y anos, senhor, senhora, homem idoso, mulher idosa, etc.

Etnia

Branco, negro, indígena, oriental, etc.

Cor da pele

Morena, clara, negra, etc.

Cabelos

Cores (pretos, castanhos, louros, vermelhos, brancos, grisalhos); comprimento (longos, curtos, curtíssimos, na altura dos ombros); tipo/textura (encaracolados, lisos, anelados, ondulados, cacheados, espetados, armados, fartos, ralos), etc.

Estatuta

Baixo, alto, estatura mediana, etc.

Olhos

Cores (azuis, pretos, castanhos, verdes, cor de mel); formato/expressão (amendoados, grandes, vivos, expressivos, cansados, curiosos, lacrimejantes, marejados), etc.

Sobrancelhas



Espessas, finas, grossas, arqueadas, bem delineadas, etc.

Nariz

Afilado, arrebicado, grande, achatado, adunco, etc.

Boca

Carnuda, expressiva, lábios finos, lábios grossos, etc.

Vestuário

Saia, vestido, calça, camiseta, terno, bermuda, colete, camiseta, chinelo, biquíni, sunga, roupão de banho, chapéu, boné, sapato, tênis, sandália, bota, etc.

DICA

Sobre o vestuário, deve-se começar pelas peças maiores e pela parte superior para depois passar para as menores e acessórios. Não é necessário descrever o figurino de todos os personagens em todas as cenas, pois o excesso de informação torna a audiodescrição cansativa e tira o foco do ponto principal, a não ser que o vestuário seja elemento importante para a composição da narrativa.

Audiodescrição dos estados emocionais

Descrever os elementos que levam o espectador a inferir o estado emocional dos personagens pode funcionar em alguns casos, como “Ela leva as mãos ao rosto e chora” ao invés de “Ela está triste”. Porém, é preciso evitar ambiguidades, obscuridades.

A descrição de um gesto ou de uma expressão facial nem sempre leva a seu entendimento. Às vezes, a descrição pura pode se perder no vazio. Se há tempo, recomenda-se descrever o gesto e o que ele significa, principalmente levando em consideração as pistas visuais, senão, apenas o seu significado. Se um personagem coloca a mão no queixo em sinal de preocupação, pode-se descrever: “Ele coloca a mão no queixo, preocupado”. No caso do olhar de personagens, pode-se descrever: “Elas se entreolham com surpresa”.

A depender do gênero do produto audiovisual, os estados emocionais são mais intensos, como em dramas, romances e comédias. A audiodescrição pode contribuir para a experiência estética que o produto proporciona. Cenas de romance não podem ser descritas apenas como “O casal se beija”. Como é esse beijo? Apaixonado? Rápido? Demorado? Como são as carícias? A audiodescrição deve evitar fazer uma explicação sumarizada da situação, como: “Entram no quarto e fazem amor”, ou “Fazem sexo”. É necessário descrever a ação à medida que ela acontece, buscando as escolhas lexicais (pronúncias) mais apropriadas.

Audiodescrição da localização espacial e temporal e dos ambientes

Sugere-se audiodescrever os elementos importantes para caracterização dos ambientes de acordo com sua importância para a compreensão da obra. Por exemplo, não é relevante descrever em detalhes um ambiente em que o personagem entra, fica poucos instantes, sai e



não volta mais, pois essa descrição detalhada pode desviar a atenção do foco principal, a não ser que tenha alguma função na narrativa.

É necessário sempre localizar os ambientes, dizer que o personagem volta a um determinado ambiente em que já esteve; deixar claro caso um mesmo ambiente tenha sofrido mudanças e descrever quais. Quando há uma mudança de ambiente, a audiodescrição começa por aí, por exemplo: “no escritório”; “no jardim”; “na praia”, etc.



Além do ambiente, outra informação importante para o entendimento da cena é dizer quantos estão em cena e quem são.

Uso de adjetivos

Os adjetivos descritivos são muito importantes na audiodescrição, pois tornam cenas, ações, características dos personagens e ambientes mais claros para o espectador. Os adjetivos devem expressar estados de humor e de emoções condizentes com os construtos universais, sem valoração subjetiva por parte do audiodescritor.

Também recomenda-se que as cores sejam referidas. Grande parte das pessoas com deficiência visual tem ou já teve alguma visão útil e, por isso, tem a memória de cores. As pessoas com cegueira congênita também atribuem significado para as cores. As cores devem ser nomeadas por se tratarem de objeto de significado sociocultural. As cores são empregadas em diferentes situações e contextos da vida em sociedade porque fazem parte de um sistema de códigos, símbolos e convenções.

Uso de advérbios

Os advérbios e locuções adverbiais ajudam na descrição de uma ação, tornando-a mais clara e aproximada. Assim como os adjetivos, devem expressar estados de humor e de emoções condizentes com os construtos universais, sem valoração subjetiva por parte do audiodescritor. Os advérbios também complementam o significado das ações, como: “Anda de um lado para o outro com preocupação”.

Descrição de ações

Na audiodescrição, é preciso utilizar verbos específicos, que indiquem a maneira de realização das ações, como: pular, saltar, saltitar.

Inserção de tempo

Da mesma forma que a mudança de cenário/ambiente, a mudança de tempo deve ser anunciada logo que aconteça para o melhor entendimento da cena. Exemplos: “é dia”, “é fim de tarde...”, “de madrugada...”. A mudança de tempo também deve ser anunciada quando se volta a uma cena anterior sob outra perspectiva, por exemplo: “As cenas do início se repetem...” ou “se repetem



sob a perspectiva do assaltante...”, ou “em flashback...”.

Planos de enquadramento e pontos de vista

O conhecimento dos tipos de planos e de seus significados dentro da narrativa pode auxiliar o audiodescritor a tornar seus objetivos mais claros para o espectador com deficiência visual, ao fazer esta ou aquela escolha. Veja abaixo os tipos de planos:

Grande Plano Geral (GPG)

O GPG enquadra uma área de ação abrangente, na qual o ambiente é mostrado de maneira ampla e é captado a longa distância. Geralmente, o GPG é utilizado no início da história ou quando há mudança de local. Por meio desse plano, o audiodescritor descreverá o ambiente, a fim de situar o espectador com relação ao espaço que é apresentado. Exemplo: cidade em que a história se passa.

Plano Geral (PG)

O PG possui um ângulo de visão menor do que o GPG. Por meio dele, o local é apresentado de forma mais precisa e é mostrada a posição do personagem em cena. Com esse plano, o audiodescritor poderá descrever locais mais específicos em que os personagens se encontram. Exemplo: casas, locais de trabalho, etc.

Plano Médio (PM)

O PM tem uma função descritiva e, para isso, os personagens são enquadrados da cintura para cima, dando destaque para a figura humana. O audiodescritor pode fazer uma descrição mais precisa sobre as características físicas dos personagens e de suas vestimentas.

Primeiro Plano (PP)

O PP enquadra o personagem do peito para cima. Seu objetivo é mostrar os diálogos entre os personagens e suas expressões faciais, que podem ser mais bem detalhadas pelo audiodescritor.

Primeiríssimo Plano (PPP)

O PPP enquadra somente a cabeça dos personagens. É utilizado para ressaltar as expressões dos personagens, a fim de revelar suas emoções.

Plano Americano

Mostra o personagem dos joelhos para cima.

Close-up ou Plano de Detalhe

O close-up, ou plano detalhe, enquadra apenas o que é essencial para a compreensão do que está sendo apresentado, destacando-o do resto da cena.

Plongée e Contraplongée

O plongée e o contraplongée também são muito significativos, aumentando ou diminuindo o tamanho dos personagens ou objetos, não só física, mas também simbolicamente, o que deverá ser enfatizado na audiodescrição. Exemplo: “Vista de baixo para cima de uma igreja”; “Vista de cima da família sentada à mesa de jantar”; “Ele continua no chão. É observado de cima pelas pessoas que o cercam”.



Os planos de ponto de vista, como o nome sugere, mostram diferentes pontos de vistas, podendo ser o do autor, o do narrador ou o de um personagem. Os pontos de vista também podem ser explicitados na audiodescrição. Exemplo: “Lentamente, a imagem se aproxima do braço do homem e foca no relógio de pulso. Detalhe dos ponteiros do relógio em movimento”; “Maria pega um torrão de açúcar no açucareiro e o aproxima da xícara de café. Imagem aproximada do torrão de açúcar absorvendo o café”.

Identificação de sons

É preciso referenciar a fonte sonora, isto é, a identificação da origem do som. O latido de cachorros, por exemplo, não é necessário ser identificado, mas sim a localização do cachorro que late. Exemplo: “cachorros latem do lado de fora da casa”. O barulho de água enquanto lava a louça ou lava a varanda é preciso também ser identificado, por exemplo.

Tempo verbal

O uso do presente do indicativo é recomendado, pois torna o texto fluido e expressa o fato no momento em que acontece. Exemplo: “João está feliz ao rever Ana.”

Estruturação do período

O período simples é o mais recomendado, principalmente devido ao pouco espaço entre as falas dos personagens. Evitar linguagem rebuscada, termos chulos, gírias, entre outros.

Elementos visuais verbais

Recomenda-se que sejam lidos créditos, textos, títulos, legendas e intertítulos. Porém, os créditos iniciais muitas vezes são exibidos ao mesmo tempo em que as imagens iniciais dos filmes. Ler esses créditos nesse momento poderá prejudicar a compreensão do filme, pois podem estar sendo mostradas cenas importantes relativas ao enredo. Assim, a leitura deve ser feita em momento que não se sobreponha à audiodescrição de cenas, o que pode acontecer de forma corrida, logo no início, ou então deixá-los todos para o final. Quanto à tradução das siglas, se esta estiver disponível para os espectadores em geral, é necessário disponibilizar essa tradução também na audiodescrição.

3. Histórico e legislação da audiodescrição

O símbolo internacional da audiodescrição é composto pelas letras A e D, sendo que, à direita da letra D, há três sinais de parênteses que lembram ondas sonoras se propagando.





A prática da audiodescrição sempre existiu e era feita, intuitivamente, por amigos e familiares das pessoas com deficiência visual. No entanto, de modo formal, a audiodescrição foi aparecendo, gradativamente, em 1975, nos Estados Unidos. Somente após 28 anos, ou seja, em 2003, ela chegou ao Brasil. Vamos conhecer um pouco dessa história!

TOME NOTA

1975

A primeira vez que a audiodescrição apareceu formalmente descrita foi na tese de pós-graduação Master of Arts, apresentada pelo norte-americano Gregory Frazier, na Universidade de São Francisco. Estudos começaram a ser feitos, e os resultados favoráveis que foram sendo comprovados nessas primeiras experiências fizeram com que a técnica se desenvolvesse em teatros, museus e cinemas dos Estados Unidos durante a década de 80. O encontro do aluno Gregory Frazier com o acadêmico August Copolla, professor de Literatura, pai do ator Nicolas Cage, facilitou a divulgação da audiodescrição pela América do Norte.

1989

A audiodescrição foi realizada em alguns filmes do Festival de Cannes. A técnica se estendeu rapidamente por alguns países da Europa, principalmente no Reino Unido, que primeiro experimentou inserir a audiodescrição na televisão. Essa experiência ficou conhecida como Descriptive Video Service. Graças ao êxito desse programa pioneiro, outras experiências foram estimuladas, por exemplo, no Canal Network. Atualmente, a Inglaterra é quem mais disponibiliza a audiodescrição na TV, nos teatros, museus e cinemas. A Alemanha, a Espanha e os EUA também disponibilizam bastante audiodescrição.

1992

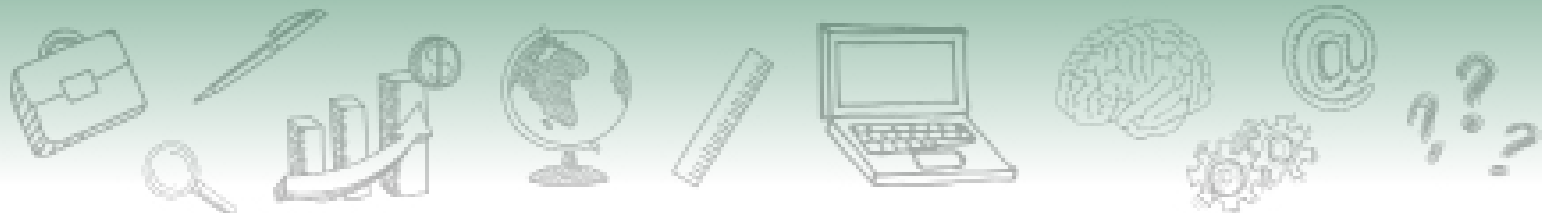
Surgiu o Projeto Audetel, uma iniciativa britânica coordenada pelo Royal National Institute for the Blind, que se dedica a investigar os requisitos técnicos necessários para a incorporação da audiodescrição nas emissoras de televisão.

2003

A técnica da audiodescrição chega ao Brasil. As emissoras de televisão aberta no Brasil são obrigadas a ter programação com audiodescrição, pelo menos duas horas semanais, desde 1º de julho de 2011, conforme Portaria nº 188, de 24 de março de 2010, do então Ministério das Comunicações.

Segundo a Portaria nº 188/2010 do Ministério das Comunicações, a meta era atingir progressivamente 20 horas semanais até 2020. Em 2018, todos os canais de TV aberta deveriam cumprir 12 horas de conteúdo acessível em sua programação, o que não corresponde à realidade.

AD no Brasil atualmente



No Brasil, a Rede Globo transmite filmes com audiodescrição nos programas Sessão da Tarde, Tela Quente, Temperatura Máxima, Supercine e Domingo Maior, cumprindo aproximadamente 6 horas semanais de conteúdo acessível. A emissora ainda apresenta audiodescrição em alguns programas de reportagem ou entretenimento.

A Record TV também apresenta o recurso em sua programação de entretenimento e de filmes, como nos programas Hoje em Dia, Super Tela e Cine Aventura.

O canal SBT criou uma vinheta para informar os espectadores sobre a presença da audiodescrição, tendo como programa mais representativo o seriado mexicano Chaves.

A TV Brasil possui uma programação acessível disponível para consulta virtual no endereço: <http://tvbrasil.ebc.com.br/programas-com-audiodescricao>.

AD pelo mundo atualmente

A comunicação acessível está em pauta em todo o mundo. Em países como Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Estados Unidos e Uruguai, a AD já é uma realidade em cinemas, teatros, museus, programas de televisão e DVDs. Os festivais de Cine de Pamplona, Iberoamericano de Cine de Huelva e o de Cine de Móstoles oferecem em suas sessões o recurso da audiodescrição.

Na televisão espanhola, a TVE foi o primeiro canal a disponibilizar o recurso. Hoje, o Canal Sur e o TV3 já aderiram à AD. Em Valência, no Museu das Artes Audiovisuais de Alcira, há uma sala que oferece o serviço de audiodescrição de forma permanente.

No Reino Unido, mais de 270 salas espalhadas pelo país possuem acessibilidade, e mais de 250 filmes em DVD com acessibilidade estão disponíveis para locação ou venda. Boa parte dos canais de televisão do Reino Unido oferece a acessibilidade em sua programação.

Na Alemanha, alguns cinemas contam com o recurso da audiodescrição e o canal de televisão BR oferece programas com o serviço. Em Munique, o Festival de Cinema Wie wir leben oferece audiodescrição em todas as sessões, desde 1995.

Na Austrália, o The Sydney Film Festival e o The Other Film Festival contam com acessibilidade nas sessões.

Na França, o canal TF1 exhibe programas com audiodescrição. Além disso, algumas salas de cinema espalhadas pelo país, como o Cinema MK2, oferecem o serviço de forma permanente. O Festival Retour D'Image é um dos festivais de cinema franceses que oferece sessões audiodescritas. Uma das audiodescritoras mais importantes do mundo, Marie-Luce Plumazille, desenvolve a técnica na França desde 1989.



SAIBA MAIS

Você sabe como ativar o recurso de audiodescrição na TV?

Para ativar o recurso de audiodescrição na TV, é preciso que ela receba o sinal digital, depois disso, é necessário pressionar a tecla “SAP”, onde podemos trocar o canal de áudio do “português” para o “português com audiodescrição”. Pronto, assim que um programa com o recurso estiver passando, ele funcionará automaticamente.

Quem utiliza o sinal digital por TV a cabo talvez encontre alguma dificuldade para ativar o recurso. Vale a pena lembrar que apenas os canais de TV aberta cumprem as metas semanais de conteúdos acessíveis. Caso a operadora por assinatura não transmita a audiodescrição nos programas que possuem o recurso na TV aberta digital, podem ser feitas reclamações à Agência Nacional de Telecomunicações, pelo número 1331.

Se a pessoa conseguir ativar o recurso e não souber quais são os programas acessíveis, as emissoras disponibilizam um sinal sonoro e uma logo específica para avisar que o programa tem audiodescrição.

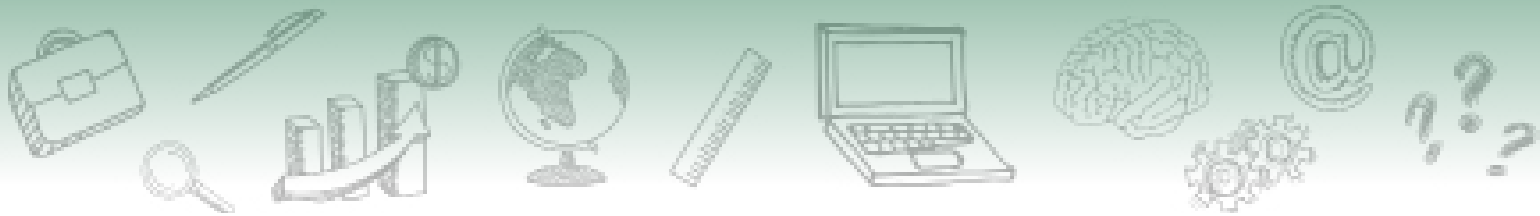
3.2. Legislação Brasileira

Antes de conhecer as leis específicas que garantem o direito à acessibilidade, em especial na comunicação, é necessário saber o que a legislação brasileira entende como acessibilidade. Veja:

“

Acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (artigo 3º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).

”



Acessibilidade, portanto, é oferecer possibilidades de transpor as barreiras que existem na sociedade, garantindo que todas as pessoas possam participar efetivamente dos vários âmbitos da vida social. Na área comunicacional, acessibilidade é a ausência de barreiras na comunicação interpessoal, na comunicação escrita e na comunicação virtual (acessibilidade no meio digital).

Explicado o que se entende por acessibilidade, seguem abaixo as leis que garantem o direito à audiodescrição e às legendas para as pessoas com deficiência no Brasil:

Legislação aplicada à Audiodescrição	
Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
Decreto Federal nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004	Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006, do Ministério das Comunicações	Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão.
Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009	Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.
Portaria nº 188, de 24 de março de 2010	Altera o subitem 3.3 e o item 7 da Norma Complementar nº 01/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, aprovada pela Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006.
Portaria nº 312, de 26 de junho de 2012 (DOU de 29/06/12, página 63)	Altera texto do item 7.1 da Norma Complementar nº 1/2006, estabelecendo valor mínimo de horas para veiculação obrigatória do recurso de legenda oculta para emissoras do serviço de sons e imagens e de retransmissão de televisão.
Instrução Normativa Ancine nº 116, de 18 de dezembro de 2014	Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade a serem observados por projetos audiovisuais financiados com recursos públicos federais geridos pela Ancine ; altera as Instruções Normativas nº 22/03, 44/05, 61/07 e 80/08, e dá outras providências.
Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015	Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

3.2.1. Normas técnicas

O Comitê Brasileiro de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou a Norma Brasileira NBR 15290: Acessibilidade em Comunicação na Televisão. Essa Norma fornece diretrizes gerais relacionadas à legendagem, à audiodescrição, à língua de sinais e ao sistema de alerta de emergência, a serem observadas para a acessibilidade em comunicação



na televisão, dentro das melhores práticas do desenho universal, considerando as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais.

Em alguns países, a audiodescrição é regulamentada por manuais, como acontece na Alemanha (Bayerischer Rundfunk), no Reino Unido (ITC Guidance), na Espanha (UNE 153020) e nos Estados Unidos (Audio Description Coalition).

4. Audiodescrição e Navegação Acessível

4.1. Como a AD chega às pessoas com deficiência

A audiodescrição é um recurso de tecnologia assistiva que permite a inclusão de pessoas com deficiência visual junto ao público de produtos audiovisuais. O recurso consiste na tradução de imagens em palavras. É, portanto, também definido como um modo de tradução audiovisual intersemiótico, em que o signo visual é transposto para o signo verbal.

A transposição do signo visual para o verbal caracteriza-se pela descrição objetiva de imagens que, paralelamente e em conjunto com as falas originais, permite a compreensão integral da narrativa audiovisual. Como o próprio nome diz, um conteúdo audiovisual é formado pelo som e pela imagem, que se completam. A audiodescrição busca preencher uma lacuna para o público deficiente visual.

A audiodescrição acontece ao mesmo tempo em que a imagem aparece na tela, entre o conteúdo verbal ou as falas do produto audiovisual, e em sincronia com outras informações sonoras do produto, como uma risada, uma porta batendo ou um tiro. Dessa forma, a audiodescrição não se sobrepõe ao conteúdo sonoro principal, mas trabalha com ele no sentido de proporcionar o melhor entendimento possível de uma cena.

A audiodescrição pode ser pré-gravada, ao vivo ou simultânea. Veja abaixo a diferença entre essas formas:

AD pré-gravada

Exige um roteiro detalhado para que seja gravado em estúdio e mixado à banda de áudio do produto audiovisual. Geralmente, a AD pré-gravada é aquela que podemos encontrar nas salas de cinema e em alguns programas de televisão.

AD ao vivo

Como o próprio nome diz, ela acontece in loco, ou seja, ela não é gravada, mas narrada no momento em que o produto audiovisual está sendo apresentado. Ela é usada em festivais de cinema, peças de teatro, óperas e espetáculos de dança. Apesar de ser ao vivo, a AD é roteirizada antes do evento cultural, e cabe ao audiodescritor-locutor acompanhar o tempo real do evento.



AD simultânea

Também acontece ao vivo, porém sem preparação alguma. Em programas de TV ou noticiários ao vivo, por exemplo, não é possível prever o que será falado ou filmado. Assim, o roteiro não existe e o audiodescritor-locutor terá que ser hábil e rápido o suficiente para descrever imagens que lhe são apresentadas pela primeira vez.

Seja pré-gravada, ao vivo ou simultânea, a audiodescrição chega ao público deficiente visual por meio de fones de ouvido, como os usados na interpretação simultânea, que devem ser disponibilizados nas salas de cinema e teatro. Na televisão, o simples toque na tecla SAP ou MTS faz com que a audiodescrição fique audível para o espectador deficiente visual.

4.2. E como funciona a navegação em sites acessíveis ou a leitura de material disponibilizado com acessibilidade?

A tecnologia facilita a vida das pessoas com deficiência por possibilitar a comunicação, a pesquisa e o acesso ao conhecimento. Um exemplo disso são os leitores de telas, programas que interagem com o Sistema Operacional do computador e capturam toda e qualquer informação apresentada na forma de texto, transformando essas informações em uma resposta falada por um sintetizador de voz.

É importante destacar que os programas de leitura de tela só conseguem ler textos, ou seja, todas as imagens, gráficos e planilhas precisam estar descritos para que as pessoas com deficiência visual tenham pleno acesso a informação.

Os leitores de telas buscam, nos programas instalados no computador, as informações que possam ser lidas para as pessoas, possibilitando a navegação por menus, janelas e textos presentes em praticamente qualquer aplicativo.

A navegação é feita através de um teclado comum, dispensando o uso do mouse na maior parte do tempo. Nenhuma adaptação especial é necessária para que o programa funcione, então não é preciso ter um teclado em braille, basta um computador simples.

Os programas de leitura de tela mais conhecidos e difundidos no Brasil são:

JAWS



O JAWS (Job Access With Speech) é, sem dúvida, o principal leitor de tela do mercado. Desenvolvido pela Freedom Scientific, o software é considerado por muitos o melhor e mais completo leitor de tela para plataforma Windows.

O software permite às pessoas cegas ou com baixa visão o acesso quase que total às principais funcionalidades do sistema, como manipulação de pastas e arquivos, configuração e personalização do sistema, criação e edição de documentos no pacote de escritório Office, navegação em sites, entre outras

funcionalidades.



VIRTUAL VISION



Criado em 1998 pela empresa Brasileira Micropower, o Virtual Vision é o único leitor de tela totalmente desenvolvido no Brasil. Esse leitor de telas funciona em ambiente Windows e é capaz de interagir com os principais programas utilizados em um computador, reconhecendo assim Word, Excel, Internet Explorer, Outlook, Skype, entre outros.

DOSVOX



Desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE UFRJ), o DOSVOX não é bem um leitor de tela, mas sim um Sistema Operacional completo que funciona em ambiente Windows.

Grande parte das mensagens sonoras emitidas pelo DOSVOX é feita em voz humana gravada. Isso significa que ele é um sistema com baixo índice de estresse para o usuário, mesmo com uso prolongado. Talvez por isso o DOSVOX seja o mais indicado para crianças, jovens ou para pessoas que estejam começando a utilizar um computador.

Dentro do sistema, são encontrados editores de texto, jogos de caráter didático e lúdico, programas para ajudar na educação de crianças com deficiência visual, entre outras funcionalidades.

Para saber mais sobre o DOSVOX, acesse a página do projeto no endereço: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox>.

NVDA



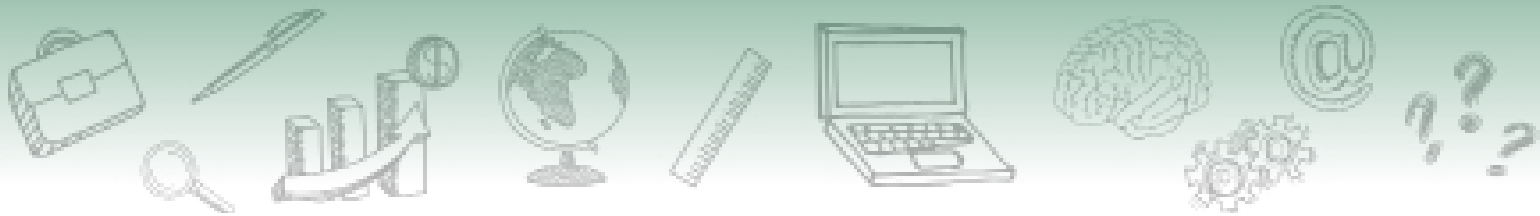
O NVDA (Non Visual Desktop Access) é um leitor de tela gratuito e de código aberto, ou seja, é um software totalmente livre de custos, ao contrário do JAWS e do Virtual Vision, em que o valor da licença é inacessível à grande parte do público-alvo.

O projeto foi iniciado em meados de 2006, pelo jovem australiano Michael Curran, mas ainda está um pouco aquém dos seus principais concorrentes comerciais nos quesitos de funcionalidades e interação com o sistema. No entanto, o leitor está evoluindo a passos largos a cada nova versão.

Uma característica que garante um grande diferencial ao NVDA é o fato de ele não precisar ser instalado no sistema, podendo ser levado em um pen drive, CD ou qualquer outro disco removível.

Para saber mais sobre o NVDA, acesse a página: <https://www.nvaccess.org/>.

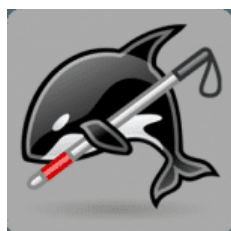
A imagem mostra a logomarca do leitor de tela NVDA. A imagem junta as letras N e D em uma



letra só, na cor branca em um fundo roxo.

A imagem mostra a logomarca do software Orca, formado por uma baleia preta e branca segurando uma bengala cinza de ponta vermelha.

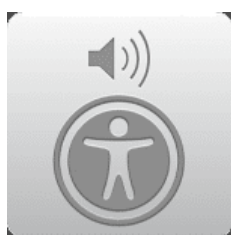
ORCA



Assim como o NVDA, o Orca também é um software gratuito e de código aberto. O diferencial dele é funcionar em Sistema Operacional Linux. O Orca, além de leitor de tela, é também um ampliador de tela, possibilitando ao deficiente visual a utilização de apenas um programa para tornar o sistema acessível.

Falando em sistema acessível, o Orca é o recurso nativo em algumas distribuições Linux, como Fedora, openSUSE e Ubuntu, permitindo que o deficiente visual instale o sistema sem o auxílio de uma pessoa que enxergue.

VOICEOVER



O VoiceOver é o leitor de tela presente nos computadores e demais produtos da Apple, como Iphone, Ipad, Apple TV e outros. Por ser um recurso nativo, o VoiceOver está totalmente integrado ao sistema, de modo que o produto já sai da loja com acessibilidade, pronto para o uso, sem depender de ninguém para fazer as configurações iniciais.

Outras características do VoiceOver incluem: voz mais natural e em mais de 30 idiomas, movimentos usando o trackpad, rotor (um controle virtual para acessar uma série de comandos) entre outras.

Para ativar o VoiceOver em um computador Apple, é preciso acessar o Menu da Maçã, clicar em Preferências do Sistema e, depois, em Acessibilidade. O recurso também é ativado ao pressionar as teclas Command e F5.

Para saber mais sobre o VoiceOver, acesse o endereço: <https://www.apple.com/br/accessibility/mac/vision/>.

4.2.1 Barreiras reais e virtuais

As pessoas que enxergam detectam, de forma imediata e instantânea, as cenas, imagens, os efeitos e toda a informação que invade, agrada ou satura a visão. Mas o que entra pelos olhos não alcança o tato e a audição, ou demora para chegar aos outros canais de percepção. Por isso, as pessoas cegas e com baixa visão necessitam de mediadores para processar a quantidade ilimitada de estímulos visuais presentes no ambiente real e virtual.

Embora os programas de leitores de tela sejam indispensáveis e eficientes para a navegação na



WEB, o ciberespaço nem sempre apresenta meios alternativos de acessibilidade para todas as pessoas, pois é poluído e desenhado à revelia das pautas de acessibilidade definidas pelo World Wide Web Consortium — W3C, que estipula normas e padrões para a construção de páginas acessíveis na rede mundial de computadores.

TOME NOTA

Diante disso, são listados a seguir alguns exemplos de barreiras de acesso ao conteúdo de uma página:

- Imagens que não possuem texto alternativo, descrição.
- Gráfico ou tabelas apenas em imagem, sem descrição adequada.
- Vídeos que não possuem descrição textual ou sonora.
- Tabelas que não fazem sentido quando lidas célula por célula ou em modo linearizado.
- Frames que não possuem a alternativa “noframe”, ou que não possuem nomes significativos.
- Formulários que não podem ser navegados.
- Navegadores e ferramentas de autoria que não possuem suporte de teclado para todos os comandos.
- Navegadores e ferramentas de autoria que não utilizam programas de interfaces padronizadas para o sistema operacional em que foram baseados.
- Documentos formatados sem seguir os padrões WEB que podem dificultar a interpretação por leitores de tela.
- Páginas com tamanhos de fontes que não podem ser aumentadas ou reduzidas facilmente.
- Páginas que, devido ao layout inconsistente, são difíceis de navegar quando ampliadas devido à perda do conteúdo adjacente.
- Páginas ou imagens que possuem pouco contraste.
- Textos apresentados como imagens.
- Quando a cor é usada como único recurso para enfatizar o texto.



- Contrastes inadequados entre as cores da fonte e do fundo.
- Navegadores que não suportam a opção para o usuário utilizar sua própria folha de estilo.

4.2.2 Como funciona a navegação por leitores de tela?

A navegação por leitores de tela é feita da seguinte forma:

Lendo toda a página

(navegação com as setas)



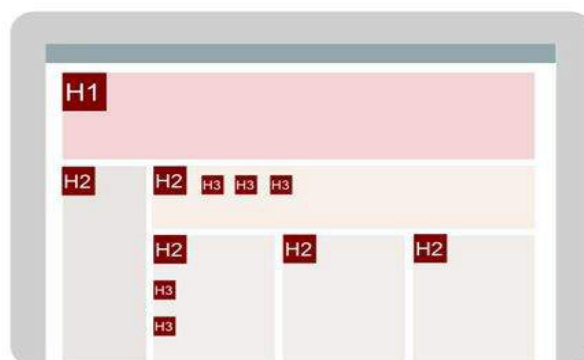
Lendo os links

(navegação com a tecla Tab)



Lendo os cabeçalhos

(navegação com a tecla h)





A partir desses três comandos principais, a pessoa consegue se guiar pela estrutura da página enquanto vai acompanhando a fala humana emitida pelo software ao ler seu conteúdo. Por essa razão, é importante que tanto o design quanto o código estejam prontos para receber a pessoa que navega utilizando leitores de tela. Um simples cabeçalho quebrado ou mal implementado pode fazer o usuário se perder na página e ter dificuldades para entender como a informação está organizada hierarquicamente.

SAIBA MAIS

O vídeo *Uso dos Leitores de Tela* explica o que são os leitores de tela e dá exemplos do uso pelas pessoas com deficiência visual. O vídeo foi publicado na plataforma YouTube pelo Centro Tecnológico de Acessibilidade do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (CTA). Veja: *O vídeo Uso dos Leitores de Tela explica o que são os leitores de tela e dá exemplos do uso pelas pessoas com deficiência visual. O vídeo foi publicado na plataforma YouTube pelo Centro Tecnológico de Acessibilidade do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (CTA).* [Veja o vídeo.](#)

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 15290: Acessibilidade em comunicação na televisão. Comitê Brasileiro de Acessibilidade. Primeira edição, 2005.

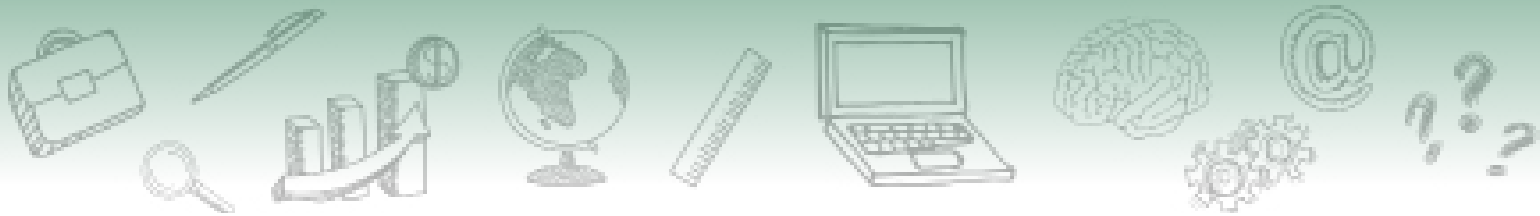
MIDIACE. Audiodescrição. Midiace, Associação Mídia Acessível. Disponível em: <https://bit.ly/2mpqqQN>. Acesso em: 29 ago. 2019.

Blog da Audiodescrição - <http://blogdaaudiodescricao.blogspot.com>. Acesso em 28 jul. 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 5156/2013. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de audiodescritor. Disponível em: <https://bit.ly/2MdzDhH>. Acesso em: 07 ago. 2019.

SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall; TUCARTTI, Alissa. Manual de Acessibilidade em documentos digitais. Bento Gonçalves, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília : Secretaria de Direitos Humanos, 2010. 100p.



SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz C. Atendimento educacional especializado: deficiência visual. SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007.

TEIXEIRA, Fabricio. Acessibilidade: como funcionam os leitores de tela. Disponível em: <https://bit.ly/2m0wTkK>. Acesso em: 29 ago. 2019.

POZZOBON, Graciela; POZZOBON, Lara. Audiodescrição. Disponível em: <http://audiodescricao.com.br/ad/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

GONZALES, Juliana. Audiodescrição na TV aberta e nas plataformas streaming. Disponível em: <https://bit.ly/31d4qaV>. Acesso em 29 jul. 2019.

COSTA, Larissa Magalhães; FROTA, Maria Paula; FRANCO, Eliana Paes Cardoso. Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção. 2014. v. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

COSTA, Larissa Magalhães. Normas técnicas da audiodescrição nos Estados Unidos e na Europa e seus desdobramentos no Brasil: interpretação em foco [online]. Disponível em: <https://bit.ly/2HxfVTh>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MELO, Ricardo de. O ampliador de ideias. Disponível em: <https://oampliadordeideias.com.br/6-leitores-de-tela-para-seu-computador/>. Acesso em: 29 ago. 2019.

CAINELLI, Rodrigo. Uso dos Leitores de tela. Disponível em: <https://bit.ly/2IKwLGc>. Acesso em: 29 ago. 2019.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE - Comitê de Ajudas Técnicas, 2007. Apud BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva. Brasília: CORDE, 2009.

ALVES, Soraya Ferreira. Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores, n. 22, 2011.

Naves, Sylvia Bahiense; Mauch, Carla; Ferreira Alves, Soraya; Santiago Araújo, Vera Lúcia. Guia para produções audiovisuais acessíveis. Ministério da Cultura, Secretaria de Audiovisual, 2014.